

O risco percebido em praticantes experientes de voo livre e rapel

The perceived risk in experienced practitioners hand gliding and climbing

MOURA, D L; HENRIQUES, I A D. O risco percebido em praticantes experientes de voo livre e rapel. *R. Bras. Ci. e Mov.* 2014; 22(3): 63-68.

RESUMO: O objetivo deste artigo foi analisar o risco percebido por praticantes experientes de rapel e no voo livre. Realizamos uma entrevista com 15 atletas experientes, sendo 10 de voo livre e 5 de rapel. O critério de inclusão foi possuir 2 anos de experiência na modalidade e participar de grandes descidas para o rapel e de competições para o voo livre. Os praticantes relatam um baixo risco percebido, embora realizem provas consideradas de extremo risco. Entretanto, mesmo não possuindo um alto risco percebido, os praticantes de ambas as modalidades investigadas possuem uma racionalização sobre os riscos que enfrentam. Afirmaram que se tornaram atletas para buscar maiores excitação, que não sentiam mais nas rotinas cotidianas. O fato de acostumar com tais sensações podem ser um fator desencadeador de acidentes. É necessário maiores reflexões sobre os significados das práticas de aventura para seus praticantes. O risco geralmente é entendido como um elemento que pode ser controlado através de procedimentos. Entretanto, não podemos deixar de perceber que o risco é um elemento que é construído e compartilhado socialmente. E nas práticas corporais de aventura é um fim e não um mero empecilho para a prática.

Palavras-chave: Práticas Corporais; Aventura; Risco.

ABSTRACT: The objective of this study was to analyze the perceived risk of experienced practitioners in climbing and hand gliding. An interview was conducted with 15 experienced athletes, being 10 for hand gliding and 5 for climbing. The inclusion criteria was having at least 2 years of experience in the sport and participating in large declines for climbing and competitions for hand gliding. The practitioners reported a low perceived risk, although they participated in extremely risky events. Even though the participants did not present a high perceived risk, they are aware of the risks they face. The participants stated that they became athletes in order to seek higher levels of excitement, which they no longer felt in their everyday routines. The fact that they are used to such feelings can be a triggering factor for accidents. Further thought on the meaning of practicing adventure sports is made necessary, since risk is generally understood as an element which can be controlled through procedures. On the other hand, it is worth realizing that risk is an element that is socially constructed and shared. And, regarding the practice of adventure sports, risk is an end, not impairment to the practice.

Key Words: Outdoor Sports; Adventure; Risk.

Diego Luz Moura¹
Ighor Amadeu Dias Henriques²

¹ Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

² Universidade Castelo Branco

Recebido: 09/04/2014
Aceito: 16/07/2014

Introdução

Um dos discursos presentes tanto nos relatos de praticantes de práticas corporais de aventura quanto na produção acadêmica é sobre a busca de tais atividades como fuga dos centros urbanos e da rotina das grandes cidades¹. Entretanto, por outro lado, os esportes convencionais sempre compreenderam o uso de espaços ao ar livre². Logo, parece que a busca pelas práticas corporais de aventura está para além do contato com a natureza.

As práticas corporais de aventura têm ganhado adesão de praticantes de diferentes faixas etárias¹⁻³. Em algumas modalidades de aventura as competições possuem uma estrutura próxima do esporte moderno com associações e disputas entre adversários, um exemplo é o voo livre. Em outras, os praticantes experientes procuram a evolução no esporte através da busca de maiores desafios, como no caso do rapel, onde se aventuram em descidas com maior nível de complexidade e de altura.

Se, por um lado, a necessidade de previsibilidade se radicaliza na modernidade, por outro, surgem os ambientes institucionalizados de risco, onde os indivíduos buscam tais atividades. Dentre estas, temos as práticas corporais de aventura nas quais os sujeitos procuram sensações positivas a partir de modalidades consideradas de risco⁴.

Moura e Soares⁵ apontam que a tecnologia atua paradoxalmente fornecendo maior prevenção aos riscos, mas ao mesmo tempo a possibilidade de se arriscarem mais. Isto aponta a necessidade de investigarmos a carreira de subjetiva dos praticantes experientes de práticas corporais de aventura. Hughes⁶ aponta que a carreira subjetiva é uma perspectiva dinâmica pela qual a pessoa concebe sua vida como um conjunto e interpreta o significado de suas diversas características, das ações e das coisas que lhe ocorrem. Essa abordagem coloca em destaque a capacidade do sujeito de interpretar suas próprias experiências e o efeito dos processos sociais.

Desta forma, nosso objetivo é analisar o risco percebido por praticantes experientes na prática do rapel e no voo livre durante sua carreira subjetiva na modalidade.

Materiais e Métodos

Trata-se de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa. Utilizamos questionários com perguntas abertas. Replicamos os questionários utilizados por Moura¹. Os questionários foram avaliados por dois doutores especialistas no tema.

A amostragem se caracterizou como acidental por saturação, que é uma ferramenta recomendada para estabelecer ou fechar o tamanho da amostra⁷. Neste sentido, o ponto de saturação deu-se a partir do momento em que as respostas começaram a se tornar repetitivas, não adicionando informações e revelando dados suficientes para atender o objetivo do presente estudo. O critério de inclusão foi ter experiência maior de 2 anos na modalidade e participar de grandes descidas, no caso dos praticantes de rapel e de competições esportivas para os atletas de voo

livre. Após o recebimento dos questionários, os dados foram tabulados e analisados através da análise de conteúdo⁸.

Os questionários foram enviados por email aos praticantes e em seguida era solicitado que estes indicassem outros praticantes que se encaixassem na amostra. Neste sentido investigamos praticantes experientes de duas modalidades de aventura: voo livre e rapel, somando um total de 15 indivíduos, sendo estes 10 do voo livre e 5 do rapel. Todos os informantes são do sexo masculino.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Gama Filho, com o registro CAAE 03740712.5.0000.5287 através do parecer 98.294, conforme a resolução nº 466/12 do Conselho nacional de saúde.

Resultados

Os praticantes experientes investigados são todos do sexo masculino. Sobre a faixa etária os praticantes de rapel são mais jovens com idade variando de 27 a 54 anos, enquanto os de voo livre variam de 34 a 59 anos. Todos tiveram acesso ao ensino superior, sendo que 4 ainda estão cursando, 3 já concluíram e 3 realizaram especializações e 2 praticantes possuem apenas o ensino médio. Do total dos informantes das duas modalidades apenas 5 não haviam praticado outros esportes de aventura antes de sua modalidade e conheceram esta atividade por indicação de amigos, ao visitarem um local que possuía a prática e programas esportivos.

Do total de 10 informantes de voo livre, 8 afirmaram não terem sentido medo no primeiro voo.

“O medo se supera pela coragem, principalmente quando o foco é o voo.” (Praticante voo livre 1).

“A primeira decolagem da rampa da Pedra Bonita, com 500 metros de altitude, foi bastante tranquila, não senti medo nenhum.” (Praticante voo livre 5).

Já nos praticantes de rapel 3 dos 5 informantes relataram que a primeira descida foi acompanhada por medo.

“Muito nervosismo quase não curti” (praticante rapel 01).

“difícil, medo de cair de algo se soltar, foi tenso” (praticante rapel 02).

“Foi complicada, muita insegurança, eu desconhecia a técnica” (praticante rapel 04).

Os praticantes das duas modalidades relatam que na época do primeiro contato com a prática não conheciam nem confiavam nos equipamentos, depositavam sua confiança no instrutor e nas informações que eram transmitidas.

“Fiz instrução com um piloto habilitado para tal e sempre me foi mostrado os equipamentos de segurança e seu funcionamento [...]” (praticante de voo livre 1).

“Não conhecia os equipamentos, mas confiei no

equipamento e no instrutor” (praticante de rapel 01).

“Só conhecia através do instrutor, mas não conhecia as certificações” (praticante de rapel 05).

Do total de respondentes, 9 atuam como instrutor*, 2 já pensaram, mas desistiram e outros 4 nunca pensaram nesta possibilidade. Os motivos de entrada na carreira de instrutor estão relacionados com uma maneira de continuar no esporte e a construção de uma carreira profissional. Dos atletas que são instrutores, encontram-se também aqueles que possuem ensino médio e superior incompleto.

Os praticantes experientes de voo livre possuem uma experiência em competições, tendo participado, inclusive, de um número superior a 20 provas. Todos os de rapel já realizaram descidas de grandes consideradas de maior altura e complexidades** e alta complexidade inclusive praticando o rapel fora do país. O principal motivo relatado para a prática das competições e das grandes descidas é a busca de excitação, porém os praticantes de voo livre ainda destacam a sociabilidade com demais pilotos e possibilidade de melhorar a técnica.

“Estar junto dos pilotos mais “feras” do mundo, confraternização com pilotos de vários estados e países, a soma disso acrescenta conhecimento, satisfação e um combustível a mais para continuar buscando novos voos.” (Praticante voo livre 6).

No voo livre apenas 2 atletas relataram não terem se acidentado. Porém, todos já presenciaram acidentes graves, sendo 6 fatais. Apontam que os motivos de acidentes estão relacionados com a busca de performance dos pilotos e a não observância das condições meteorológicas. Já no rapel apenas um praticante experiente sofreu acidente. Entretanto, todos já presenciaram acidentes, sendo que apenas um relatou ter presenciado acidentes fatais.

Todos os informantes apontam que o voo livre e o rapel podem causar mortes, porém apenas quando é praticado sem conhecimento ou com imprudência. Os praticantes de rapel apontam que está relacionado com a falta de experiência dos instrutores.

“Falha humana aliada a inexperiência, falha da estratégia de planejamento, de logística e falta de conhecimento técnico por algumas pessoas que se dizem instrutores”. (praticante Rapel 05).

Destacaram conviver com sentimento de medo e que os equipamentos são seguros e que a falha é dos pilotos que não sabem usá-los. Todos os informantes afirmam que o medo é um recurso necessário para a prática, pois possibilita mantê-los atentos para que evitem acidentes.

“Na maior parte das vezes meu medo é uma luz amarela, de alerta para não deixar que algo de errado ocorra.” (praticante voo livre 8).

“O medo sempre existe, o que acontece é que nós aprendemos a gerenciar esse medo” (praticante Rapel 04).

Discussão

A concepção moderna de risco está ancorada na ideia central de controlar o futuro, em oposição ao conceito de fatalidade e destino⁹. A noção de risco é a ideia revolucionária que define a fronteira entre os tempos modernos e a pré-modernidade.

O conceito de risco começou como assunto técnico apenas com preocupações de medições, mas foi apenas na de 1990 que se iniciou o esforço em compreender o risco. Isso ocorreu através do entendimento que o risco é relacional¹⁰.

Segundo Slovic¹¹ não existe risco em si fora da cultura e das interações entre os indivíduos. As Ciências Sociais tomam o risco como modo historicamente determinado de identificação e seleção de eventos problemáticos que podem vir a se realizar no futuro.

Apontar o caráter cultural alinha-se com uma postura metodológica de tratar os riscos como realidades que não são identificadas, percebidas, avaliadas pelos sujeitos. Dado que dependem de subjetividade, que por sua vez é socialmente constituída¹⁰. A definição do risco toca outros temas, a bibliografia muitas vezes torna os termos medo e risco como intercambiáveis ou até sinônimos¹². Logo, para apreender os significados da carreira dos praticantes de práticas corporais de aventura buscamos levar em consideração as terminologias sobre confiança e medo que atravessam o universo linguístico e permitem captar a noção de risco.

No voo livre a maior parte não sentiu medo, enquanto no rapel a incidência de medo na primeira descida foi maior. Este fato pode estar relacionado ao fato de que no voo livre há uma estrutura organizacional do Clube São Conrado de Voo Livre (CSVL) que apresenta uma série de certificações e possui uma estrutura física que dá maior grau de segurança aos praticantes, enquanto a prática do rapel é contratada diretamente com os instrutores. De acordo com Moura¹ podemos apontar que a percepção do risco está relacionada com os graus de confiança. Giddens¹³ aponta que confiança e risco se cruzam, pois para seguir a vida rotineiramente é necessário construir confiança.

Os praticantes de ambas as modalidades descrevem que inicialmente não conheciam os equipamentos, mas confiaram nestes a partir do relato instrutor. A confiança se traduzia muito mais na pessoa do instrutor do que diretamente nos equipamentos de segurança. De acordo com Sztompka¹⁴, a confiança possui o nível primário

* Optamos em identificá-los apenas como atletas participando deste grupo da amostra.

** Foram informados trajetos como “Pedra da Tartaruga” (praticante experiente 01); “uma pedra de 120 metros” (praticante experiente 02); “1 692 metros de altitude” (praticante experiente 03); “88m” (praticante experiente 04); “300 metros saindo de uma corda de 200m e trocando para outra de 100m. E o desafiante rapel do Cume do Dedo de Deus.” (praticante experiente 05).

e o secundário. O primário se refere às pessoas que transmitem confiança, como médicos, advogados, pilotos de avião entre outros. Já o secundário são aquelas pessoas (e agências) que buscamos para obter informações sobre em quem confiar como acontecem nos testemunhos de peritos, relatórios e leis. Geralmente os neófitos encontram maiores dificuldades para encontrar uma confiança secundária. Mas, ao alcançar a experiência nestas atividades constroem a confiança em segundo nível, relacionando-a, principalmente, aos recursos tecnológicos e aos protocolos de verificação das condições de realização da prática.

Os praticantes de ambas as modalidades conhecem os procedimentos de segurança e os riscos potenciais de suas práticas. Diferente de como geralmente a mídia associa os praticantes de esporte de aventura como loucos ou viciados em adrenalina. Há nos relatos dos praticantes experientes uma racionalização do risco na medida em que todos relatam entender que ambas as atividades possuem risco de morte. Apontam que convivem com o medo e que este é um fator importante para que se mantenham atentos para evitar acidentes. Nos esportes de aventura, o discurso que comumente se vincula no senso comum é que estas práticas possuem extremo risco e grande margem de incertezas. Estas narrativas são por vezes construídas e disseminadas pelos próprios praticantes e empresas que patrocinam estes eventos. Embora o senso comum veja essas práticas de aventura como instáveis e perigosas, existem racionalizações dos riscos por meio de técnicas e equipamentos de segurança¹.

Os praticantes investigados reconhecem os riscos e realizam um jogo simbólico. Le Breton¹⁵ analisando praticantes de esportes de aventura apontou que todos os praticantes reconhecem os riscos de sua prática e que jogam simbolicamente com a morte através de jogos de prazer e sofrimento. Já, Paixão et al¹⁶ ilustram bem esta situação quando descrevem que há nestes praticantes uma tendência em se lançar em situações que lhes permitem calcular os riscos subjetivamente e lhes dão condições de controlar o imponderável naquele momento.

Paixão et al.¹⁶ relatam que a sensação de liberdade e as fortes emoções compensam o risco com que os praticantes irão se deparar no momento da prática, os quais não podem ser interpretados como suicidas, e sim, como pessoas que gostam de vivenciar situações de risco que lhes causem prazer. No mesmo sentido, Willing¹⁷ analisando atletas de paraquedismo apontou que a possibilidade de lesões, danos físicos e morte estão sempre presentes no discurso dos praticantes. Afirma que a possibilidade de sofrimento é considerada uma dimensão necessária da experiência.

Todos os praticantes entendem os riscos de suas modalidades e parte relata ter se acidentado em algum momento. O Principal motivo dos acidentes na fala dos praticantes é a falha humana, jamais a tecnologia. Notemos que a falha de equipamentos não é citada como uma possibilidade das causas de acidentes. Moura¹ aponta que existe uma crença pela tecnologia nos esportes de aventura.

O autor aponta que no discurso dos praticantes de esporte de aventura a tecnologia está respaldada pelos ditames da matematização e quantificação se tornando uma instância indefectível. Isso ocorre porque na modernidade é comum não se desconfiar da tecnologia, pois esta se tornou uma instância autônoma.

No mesmo sentido Almeida¹⁸ utiliza a teoria de redoma sensorial para mostrar que todos os indivíduos estão alocados dentro de redomas sensoriais, que são constituídas pelo conjunto de sensações que o indivíduo está acostumado a vivenciar. O autor comenta que a redoma sensorial ordinária acaba por tornar automáticas as sensações que são compartilhadas cotidianamente. Neste sentido, há uma busca por vivenciar emoções em contextos diferentes daqueles que se encontram no nosso cotidiano. É neste contexto que o componente risco, inserido nas práticas corporais de aventura ganha visibilidade.

Atualmente as práticas de aventura, possuem certa visibilidade na sociedade e ganham mais adeptos. Segundo o Ministério do Turismo¹⁹ as tendências turísticas mundiais têm apontado uma mudança comportamental na motivação e perfil do turista contemporâneo. Esta mudança parece apontar um perfil no qual o indivíduo passa do papel de espectador passivo a protagonista das atividades que realiza. Entretanto, a maior parte dos praticantes é do sexo masculino.

De fato, verificamos apenas homens como praticantes experientes. No mesmo sentido Cardoso, Marinho e Pimentel²⁰ pesquisando 302 indivíduos apontaram que verificaram que há uma predominância de homens nas modalidades de esporte de aventura.

A maior parte já havia praticado outros esportes de aventura. No caso do voo livre isso pode ser explicado pelo fato de ser uma modalidade que o praticante para fazer voos solos deve ter uma série de cursos e certificações, além da compra do equipamento e filiação às associações. O rapel por sua vez é uma prática que ocorre de um modo mais autônomo sem uma estrutura institucional de associações ou clubes, organizada por pequenos grupos.

Do total dos 15 praticantes, 9 são instrutores e 2 já pensaram nesta possibilidade. Isso mostra como os esportes de aventura podem ser um espaço de construção de uma carreira profissional. Moura¹ aponta que as práticas corporais de aventura são um espaço de fácil reconversão de capital, pois permite ao praticante utilizar o conhecimento de esportista para aplicação na ocupação profissional de instrutor. Os autores ainda apontam que mesmo que o custo dificulte a prática de tais modalidades, não limita o potencial de reconversão. Isso pode ser observado quando os instrutores e aqueles que já pensaram nesta carreira são os praticantes de rapel, prática que possui custos significativamente mais baixos.

A busca por excitação e a sociabilidade são os principais motivos relatados para permanência nas modalidades. De acordo com Elias²¹ as atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes no cotidiano. Os

indivíduos buscam no lazer uma excitação agradável que ao mesmo tempo é o complemento e a antítese da tendência habitual perante a banalidade das valências emocionais que se deparam nas predestinadas rotinas racionais da vida²¹. Em outras palavras, a excitação é o elemento fundamental para o divertimento. O desejo de participar pode diminuir se tais riscos não existirem, mas por outro lado, o excesso de risco em uma atividade pode resultar na diminuição de satisfação e, até mesmo, na perda do desejo de participação. O que reforça a ideia de que o risco produzido nas atividades de aventura é um risco controlado a partir de técnicas de segurança e de recursos tecnologicamente avançados.

A sociabilidade é descrita como elemento de motivação de manutenção da prática. Embora tais modalidades sejam de execução individual na maior parte, necessitam de outras pessoas para dar suporte ou auxílio de segurança. Isso faz com que a busca por parceiros de modalidade seja indispensável. Associado a isto Willing¹⁵ analisando atletas de esporte de aventura apontou que esportes de aventura podem favorecer fortes vínculos de sociabilidade, devido aos momentos de vulnerabilidade que os indivíduos passam juntos. As situações adversas auxiliam na construção de vínculos de sociabilidade que criam os sentimentos e laços de pertença.

As competições ou desafios extremos nos esportes de aventura produzem uma intensa sociabilidade e reflexividade sobre sua prática¹. Um atleta experiente muitas vezes já se acidentou e/ou presenciou acidentes graves. Analisando os relatos dos praticantes experientes de voo livre e rapel, podemos observar que há maior número de acidentes no voo livre que no rapel. Isso pode ser observado pela maior complexidade desta prática, que exige que o piloto possua conhecimento avançado sobre meteorologia e mecânica de voo. Além disso, o aporte da tecnologia que aumenta consideravelmente a excitação e o risco simultaneamente¹.

Conclusões

Os praticantes relatam um baixo risco percebido, embora realizem provas consideradas de extremo risco. Isso está relacionado com a domesticação de suas atividades próxima às reflexões da redoma sensorial

Entretanto, mesmo não possuindo um alto risco percebido, os praticantes de ambas as modalidades investigadas possuem uma racionalização sobre os riscos que enfrentam. Logo, estão distantes do senso comum que afirmam que são loucos ou viciados em adrenalina. Os praticantes afirmam que sentem medo e convivem com ele como uma forma de se manterem atentos.

Possuem uma relação de confiança com equipamentos que foi construída com o tempo, na medida em que na primeira vez em que realizaram tal atividade creditaram a confiança mais no instrutor do que nos equipamentos. Isso se deve a experiência e vivência na modalidade que é elemento para construção da confiança em segundo grau. Na modernidade vimos o surgimento de novos riscos, sendo que muitos dos quais desconhecemos.

Os praticantes tornaram-se atletas para buscar maiores excitações, que não sentiam mais nas rotinas cotidianas. O fato de acostumar com tais sensações podem ser um fator desencadeador de acidentes. Outro elemento relatado pelos praticantes foi a sociabilidade nas práticas.

A carreira esportiva nestas modalidades incide em dois caminhos: a entrada na carreira de instrutor e/ou a interrupção nas competições. Neste caso, o rapel parece possuir uma reconversão mais rápida na carreira como instrutor devido a menor complexidade quando comparado ao voo livre. Já a ausência das competições pode ser resultado da convivência com os acidentes, muitos deles fatais. Todavia, parece que novamente o rapel parece ser uma atividade de maior permanência, pois a maior parte dos acidentes relatados foi no voo livre.

É necessário maiores reflexões sobre os significados das práticas de aventura para seus praticantes. O risco geralmente é entendido como um elemento que pode ser controlado através de procedimentos. Entretanto, não podemos deixar de perceber que o risco é um elemento que é construído e compartilhado socialmente. Nos casos das práticas corporais de aventura é um fim e não um mero empecilho para a prática.

Referências

1. Moura DL. Esportes de risco e riscos no esporte: Uma análise do voo livre. Tese de Doutorado. UGF: Rio de Janeiro; 2012.
2. Dias, CAG. Esporte e ecologia: o montanhismo e a contemporaneidade. Rio de Janeiro: Record: Revista de história do esporte, 2009, v.2, n.º1.
3. Pimentel, GGA. Percepção dos riscos, condicionamento corporal e interações sociais no voo livre. Revista brasileira de ciências do esporte, v.13, n.2, p-45-59, 2010.
4. Giddens, A. As consequências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.
5. Moura DL, Soares AJG. Os acidentes no voo livre: uma análise dos motivos nos relatos de atletas. Belo Horizonte: Licere, v.16, n.3, 1-20, 2013.
6. Hughes, EC. Institutional office and the person. Chicago: The American Journal of Sociology, v. 43, n. 3, p. 404-413, 1937.
7. Becker, H. Métodos de pesquisa em ciências sociais. 2.ed. São Paulo: Hucitec. 1994.
8. Bardin, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.
9. Bernstein, PL. Desafio aos Deuses, Rio de Janeiro: editora Campus, 3ª edição, 1997.
10. Marques, R. Internet: uma Sociologia de suas Ameaças. Dissertação de Mestrado em Sociologia. UFRJ: Rio de Janeiro, 2013.
11. Slovic, P. Introduction and Overview. In: Perception of Risk. London: EarthScan, 2000.
12. Hollway, W; Jefferson, T. The risk society in an age of anxiety: Situating fear of crime. London: British Journal of Sociology, v. 48, no. 2, 1997.
13. Giddens, A. Identidade e modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
14. Sztompka P. Trust: A sociological teory. Cambridge: Cambridge university press, 1999.
15. Lebreton D. Aqueles que vão para o mar: o risco e o mar. Revista brasileira de ciências do esporte, Campinas, v.28, n3, 9-19, 2007.
16. Paixão JA, Costa, VLM, Gabriel, RECD, Kowalski, M. Práticas aventureiras e situações de risco no voo livre: uma análise a partir do conceito de redoma sensorial. Motriz, Rio Claro, v.16, n.3, p.672-681, 2010.
17. Willig CA Phenomenological Investigation of the Experience of Taking Part in 'Extreme sports'. Journal of Health Psychology, v.13, n.5, 690-702, 2008.
18. Almeida, LGV. Ritual, risco e arte circense: o homem em situações limites. Brasília: UNB, 2008.
19. Brasil. Perfil do turista de aventura e do ecoturista no Brasil / Ministério do Turismo. São Paulo: ABETA, 2010.
20. Cardoso, FL; Marinho, A; Pimentel, GGA. Questões de gênero em universitários praticantes de esportes de aventura. Maringá, Rev. Educ. Fis/UEM, v. 24, n. 4, p. 597-608, 4, 2013
21. Elias, N. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.